

Superação¹

Larissa Layane BEZERRA²

Lídia RAMIRES³

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Paratleta desde 1986, Sônia Gouveia coleciona conquistas e recordes mundiais. Mas sua trajetória não é marcada apenas por alegrias. Diversos obstáculos cruzaram seu caminho. Preconceitos e a falta de acessibilidade de algumas cidades e hotéis por onde passou são alguns deles, mas nada se compara aos anos treinando em ambientes improvisados por falta de uma estrutura adequada aqui no estado. A situação do desporto alagoano tem se agravado ao longo dos anos. A Vila Olímpica Lauthenay Perdigão, que deveria ser um centro de treinamento de referência, enfrenta deficiências e está longe de ser um modelo para alavancar o esporte em Alagoas. Aos 55 anos, Gouveia vive à sombra do medo de algo inevitável: a aposentadoria.

PALAVRAS-CHAVE: Paradesporto; Sônia Gouveia; jornalismo esportivo; reportagem especial.

1 INTRODUÇÃO

Em Alagoas, quando um atleta começa a se destacar e demonstrar grande potencial é bem provável que o mesmo mude de endereço e vá procurar apoio distante de sua terra natal. Convites não faltaram a Gouveia para vestir a camisa de clubes do Sudeste. Mas, devido às suas limitações físicas, ela decidiu ficar. Trilhou toda sua carreira treinando em estruturas precárias e complexos esportivos sucateados. Cenário comum para o esporte local. Não é fácil ser atleta amador, tão pouco profissional, a não ser que o atleta detenha recursos financeiros para se subsidiar.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso.

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo no COS/UFAL, email: brasilayane@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo no COS/UFAL, email: lidiamires@uol.com.br.

É proposto aqui um mergulho na história da recordista mundial e campeã parapanamericana. Além de uma apuração acerca dos motivos que levaram a Alagoas, um estado com tantos atletas talentosos, a apresentar tamanho descaso ao esporte.

Em meio a tantos eventos esportivos de grande porte ocorrendo no país, o Brasil mostra uma ruptura no sentido de que o investimento em esportes é baixo. Em Alagoas não é diferente. Sobram atletas capacitados para o nível profissional, faltam incentivos. Alguns questionamentos logo surgem, tais qual: onde está sendo empregada a verba que deveria ser destinada ao esporte? Ou se é realmente possível viver de esporte no estado. Visando responder a essas e outras questões, se propõe a elaboração desta grande reportagem impressa para revista.

A busca pelas repostas se dá através da exposição da história da paratleta de alto rendimento Sônia Gouveia. Com uma bagagem esportiva de expressão internacional e quase três décadas de sua vida dedicadas ao paradesporto, a esportista nunca trocou sua terra natal, Alagoas, por outros estados que possuem centros esportivos de ponta. Foi em meio a limitações – não só físicas – e improvisos que ela construiu sua carreira de sucesso.

O outro lado da história também é explorado. Conversamos com Yohansson Nascimento, paratleta alagoano, que atualmente mora em na grande São Paulo. Com patrocínio e locais adequados para treinamento, seu rendimento tem melhorado, chegando a conquistar o ouro paralímpico em Londres 2012.

Entrevistamos também Lauthenay Perdigão sobre a vila olímpica que carrega seu nome. O local deveria ser um centro de referência esportiva em Maceió, mas segue abandonado. Quadras rachadas, campo de futebol rasgado, redes rasgadas, traves enferrujadas. A vila nem parece ter sido inaugurada há pouco menos de seis.

Por fim, tratamos dos planos de encerramento da carreira da personagem. Gouveia, já com 56 anos, decidiu que encerra suas atividades esportivas após os Jogos Olímpicos Rio 2016. Mas há uma enorme preocupação em relação a chegada desse momento. O governo não prevê plano de aposentadoria para os atletas e Gouveia não tem nenhuma capacitação para desenvolver outra atividade além da prática esportiva.

2. OBJETIVO

2.1 GERAL

Elaborar uma grande reportagem, cujos objetivos específicos se enquadrem nos conceitos de captação e produção jornalística explanados, apreendidos e pesquisados durante o curso de comunicação social com bacharelado em jornalismo. Além de construir um produto comunicacional através da observação, entrevistas e a posterior narração dos fatos de que apesar da existência de atletas de alto nível no estado, o investimento do Governo é ineficaz, quase inexistente. Seja no âmbito do esporte amador ou profissional, resultando no exílio dos atletas que buscam a profissionalização.

2.2 ESPECÍFICOS

Descrever o cotidiano de Sônia Gouveia

Identificar os motivos que levam alguns atletas ao exílio

Apurar a razão do notório abandono do estado para com o esporte

Verificar as condições estruturais dos centros esportivos existentes

3 JUSTIFICATIVA

Em meio a tantos eventos esportivos de grande porte ocorrendo no país, o Brasil mostra uma ruptura no sentido de que o investimento em esportes é baixo. Em Alagoas não é diferente. Sobram atletas capacitados para o nível profissional, faltam incentivos. Alguns questionamentos logo surgem, tais qual: onde está sendo empregada a verba que deveria ser destinada ao esporte? Ou se é realmente possível viver de esporte no estado. Visando responder a essas e outras questões, se propõe a elaboração desta grande reportagem.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Procuramos nesta reportagem “envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor”. (PENA, 2011, p.13) Essa modalidade textual abre espaço para a criatividade do autor. Ou seja, pode-se fugir das amarras das redações. E, para uma fuga de padrões bem-sucedida, encontramos refúgio no jornalismo literário.

O jornalismo literário busca potencializar os recursos do jornalismo, levando o leitor a se sentir contextualizado na reportagem, partindo do princípio que a comunicação é um agente libertador que vai muito além de noticiar pequenos fragmentos da realidade. (RESENDE, 2010, p. 07)

Todas as etapas da produção da reportagem são importantes, uma etapa mal realizada culminará num material mal produzido. É necessária uma apuração com afinco, pois

o rigor da apuração é o olho da reportagem. Sem acurácia não se pode divulgar nada. É preciso ter o máximo de informações do assunto tratado. Na apuração, o que deve predominar é a exatidão dos fatos, a qualificação e a idoneidade das fontes. O repórter deve desconfiar sempre. Duvidar faz parte do seu dia a dia. (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.22)

Tendo isso em mente, torna-se claro a importância de uma boa apuração antes de iniciar as atividades em campo.

Durante a investigação inicial, observamos também quais pautas propostas eram passíveis de se noticiar. No decorrer da apuração, os fatos se “encaixam” dentro de algumas categorias dos chamados valores-notícias. Pena (2010) enumera esses valores. Destacamos aqui os principais utilizados durante a apuração: importância dos envolvidos, feitos excepcionais, atualidade, novidade, equilíbrio, acessibilidade à fonte/local, interesse público.

É preciso seguir regras e estilo para criar um padrão, deixando o texto mais harmônico. As regras seguidas aqui foram as propostas pelo **Manual de Redação e Estilo da Assessoria de Comunicação da Ufal**, organizado por Ramos e Araújo.

Por se tratar da história não apenas de uma atleta, mas também de uma pessoa com deficiência física, houve um cuidado maior ao redigir o texto. Certas expressões e termos podem conter ideias preconceituosas em si. Objetivando combater a discriminação, pelo respeito às diferenças, recorri ao guia **Como Falar Sobre Deficiência**, escrito pela deputada federal Rosinha da Adefal.

Algo bem trabalhado no manual é o modo como se dirigir aos cadeirantes ao longo da narrativa, ressaltando a importância de evitar e, até mesmo, anular o uso do termo “deficiente”, pois

chamar alguém assim passa a ideia que a deficiência está presente nessa pessoa inteira, como se sua existência fosse um erro, como se sua vida fosse um rascunho e de menor significado. A deficiência está em um determinando sentido, membro ou função; não na pessoa toda. Que não pode ser reduzida à sua deficiência, quando há muito mais dela a se conhecer e evidenciar. (DA ADEFAL, 2013)

As cidades impõem limitações aos portadores de algum tipo deficiência. E os comunicólogos estão limitados, não possuem, em sua maioria, conhecimento suficiente para evitar gafes.

Com o texto pronto, começamos a pensar no projeto gráfico que nada mais é do que “o sistema simbólico composto de manchas, traços, ilustrações e letras. (...) As manchas e blocos de letras decidem, com os claros, o equilíbrio ou movimento estético”. (LAGE, 2006, p. 12) Toda diagramação foi elaborada por mim.

A primeira dupla de páginas foi pensada com bastante cuidado, pois

o impacto visual de uma página, sem dúvida, está na primeira página. Consideramos, portanto, a primeira página de um jornal sua embalagem, e como tal deve atrair a atenção do leitor para seus textos. Quando se trata de um projeto, sua concepção deve ser muito bem pensada, sempre levando em conta a legibilidade e a clareza dos tipos com que os leitores irão receber a mensagem. (COLLARO, 2000, p. 171)

Nos detalhes da diagramação há a predominância das cores vermelha e verde. Esses dois tons geraram uma boa harmonia e ficaram agradáveis ao olhar, por isso foram escolhidos.

Inevitável não falar do jornalismo especializado nesse caso no qual o produto final se trata de uma reportagem esportiva. É comum numa produção especializada, o público-alvo ter algum conhecimento sobre o assunto, mesmo assim, é necessário ter cuidado para não poluir o entendimento com termos técnicos. A linguagem aqui proposta foi uma que se fizesse acessível a qualquer interessado.

Aliás, no cenário atual, o jornalismo esportivo é o jornalismo de todas as modalidades esportivas, de todas as competições – sejam elas regionais, nacionais ou internacionais. O profissional que deseja atuar nessa área deve ter claro na mente que é necessário se doar inteiramente e buscar constantemente conhecimento. Seja através de livros, noticiários, congressos, debates. Em suma, “o mundo esportivo é tão grande que é necessário mergulhar

de corpo e alma. Sem uma massa de cultura esportiva não se consegue ser um bom jornalista esportivo”. (BARBEIRO E RANGEL, 2013, p. 78)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Embora Sônia Gouveia esteja constantemente na mídia, ela ainda não havia sido mostrada como proposto aqui. Onde não é mostrado apenas seus resultados, mas também é explorada sua história, os caminhos que a levaram até suas conquistas.

Buscamos apresentar aqui uma maneira diferenciada de abordar o tema, mostrando a pessoa por trás da paratleta repleta de títulos conquistados dentro e fora do Brasil. Procuramos novas informações, perspectivas e relatos que interessem ao leitor, pela maneira como está sendo contado.

O produto se trata de uma reportagem. E vale aqui ressaltar que, no tocante da profissão, notícia é diferente de reportagem, diferentemente do que julga o senso comum.

A principal característica que as distingue é o tamanho dos textos. No geral, a notícia, falando de texto impresso, é curta. Pouco mais de 30 linhas. Já a reportagem permite ao jornalista escrever mais. Uma reportagem especial, a depender do veículo onde seja publicada varia entre quatro e seis laudas. Às vezes mais, às vezes menos.

Como bem define o Pena (2010, p.76), “a reportagem focaliza a repetição, a abrangência”. E aqui não foi mostrado apenas que uma recordista e campeã mundial treina em um ambiente improvisado, mas também sua história, como ela descobriu o paradesporto, suas principais conquistas, planos para o futuro.

Quando definimos o assunto que seria abordado neste trabalho, após uma apuração prévia, precisamos organizar o material que tinha e montar um roteiro para as entrevistas, fotografias e acompanhamento da rotina da paratleta Sônia Gouveia.

No jornalismo, essa organização se define como pauta, que é uma espécie de “documento”, onde o repórter terá informações e indicações do que deve fazer ao longo do processo de construção do material jornalístico. É um roteiro que vai ajudar o profissional quando ele for a campo pesquisar o que foi sugerido.

“A pauta é o início de uma boa reportagem. Ela diz ao repórter o que está acontecendo, onde e quem deve ser entrevistado. Quanto mais detalhada for, mais ajuda o trabalho do

repórter e, portanto, colabora para uma boa matéria no fim do processo.” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 24-5)

Passo-a-passo a ideia foi tomando forma. Chegou, por fim, o momento de iniciar as atividades em campo, ter um contato mais pessoal com os envolvidos na temática proposta. A entrevista é uma das principais partes no processo de construção de um material jornalístico. Seja notícia, reportagem, grande reportagem, vídeo, todos necessitam de alguém que fale sobre o assunto reportado através de relatos, histórias e informações.

“A entrevista jornalística (...) é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas.” (MEDINA, 2008, p.18)

Ao longo das pesquisas, conversamos com pessoas que conhecem a história da Sônia Gouveia e, em alguns casos, acompanharam sua trajetória de perto, e que também compreendem bem a realidade desportiva alagoana. Tais conversas renderam quase três horas de gravações.

Utilizamos o recurso de gravação de áudio durante as entrevistas por entender que só assim poderia dar a atenção devida ao que os entrevistados estão falando. Dividir a atenção entre ouvir o que a fonte fala e fazer suas anotações não tornam aquele momento um diálogo possível, como propõe Medina.

Um bom entrevistador é aquele que sabe ouvir, mas ouvir de forma ativa, demonstrando ao entrevistado que está interessado em sua fala, em suas emoções, realizando novos questionamentos, confirmando com gestos que o ouve atentamente e que quer compreender suas palavras, mas sem influenciar seu discurso. Ele aprofunda o relato do participante e mostra atenção sobre detalhes importantes. (BELEI, 2008, p.190)

O gravador não registra apenas palavras. Ele registra também as pausas para reflexões, as variações no tom de voz, as vacilações. Elementos esses que não só podem como devem ser levados para o texto transcrito, criando, assim, uma maior aproximação do leitor com a atmosfera vivenciada.

Em posse das informações, depoimentos e fotografias colhidas com a pesquisa em campo, estava na hora de começar a dar forma ao projeto que tanto idealizamos. As técnicas de redação utilizadas foram citadas no tópico anterior.

Após a finalização do texto, é hora da edição.

A edição precisa ter o máximo cuidado e tratar o material especial como deve ser. Senão corre o risco de ficar tudo nivelado por baixo. O editor deve destacar o que merece destaque, ser criativo na linguagem e na apresentação das matérias, e não subestimar a inteligência do público, estimulando-o sempre a pensar e a exigir mais de cada edição. (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 41-2)

A escolha das fotografias, bigodes, títulos etc foi realizada também pela autora da reportagem. Nessa etapa, fomos guiados pelas instruções presentes na obra **Guia para a Edição Jornalística**, escrito por Luiz Costa Pereira Junior.

Com o conteúdo da revista concluído, o passo seguinte foi trabalhar no projeto gráfico do trabalho. Existem dois boxes ao longo da reportagem. Nas páginas que não há box, foram colocadas fotografias, em sua maioria de minha autoria. Para chamar mais a atenção, todas as fotografias são coloridas. O que permite ao leitor perceber e compreender melhor as imagens.

No tocante às imagens, elas são apresentadas como recurso essencial, tanto no conteúdo, quanto no posicionamento e forma a ser impressa. “Ou seja, nessa perspectiva, a fotografia adquire não só um aspecto imagético de composição como o texto escrito, como se torna, na maioria das vezes, o discurso mais importante, hierarquicamente mais trabalhado pelo editor do que o próprio texto.” (COUTO, 2012, p. 109)

6. CONSIDERAÇÕES

A construção das pautas, a apuração, as entrevistas, a redação do material, os meses acompanhando os treinamentos de Gouveia, os vários momentos registrados atrás de uma lente, a seleção das fotografias, o planejamento gráfico. Todas essas etapas foram importantes e indispensáveis para chegar ao resultado obtido neste TCC.

Poder contar a história dessa paratleta foi um privilégio. Sua história surpreende, leva-nos a questionar porquê reclamamos tanto da vida. Leva-nos a enfrentar a vida com maior determinação. Fui atleta até meados de 2008 e acreditei que encontraria um cenário diferente do que deixei em anos atrás. Ilusão. Entra prefeito, sai prefeito. Entra governador, sai governador. E o esporte parece que nunca é pautado. E, mesmo em meio a tanto descaso, nossos atletas conseguem se destacar nos cenários nacional e internacional.

A maior dificuldade encontrada no processo de produção desse material foi a falta da representação de um grande veículo midiático. Ao dizer que a matéria era para a universidade, parecia que eu não era ouvida. Esperei semanas por entrevistas, por respostas. E, mesmo com horário marcado, ainda tive que esperar por horas e escutar um “perdão, esqueci da nossa entrevista”. A produção desse material também envolveu um longo exercício de paciência.

O caminho até aqui foi longo e desgastante, envolvendo greve e descrença com o sistema público de ensino, mas sigo para a próxima etapa da vida com a certeza de que os últimos quatro anos valeram muito a pena. Representaram crescimento não só profissional, como também pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo, Editora Contexto. 2009
- BELEI, Renata Aparecida et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *in* **Cadernos da Educação**. UFPel. Pelotas, 2008. Páginas 187 – 199. Disponível em <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350501221.pdf>. Acesso em 30.set.2014.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo, Editora Contexto. 2011.
- COLLARO, Antonio Celso. **Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação**. São Paulo: Summus, 2000.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. O discurso pela imagem: Manchete Esportiva e sua proposta fotojornalística. *in* HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e MELO, Victor Andrade de, *orgs.* **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. (págs. 107 - 129)
- DA ADEFAL, Rosinha. **Como Falar Sobre Deficiência – um guia para profissionais da comunicação**. Brasília, 2013.
- LAGE, Nilson.. **Linguagem jornalística**. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2006.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista – o diálogo possível**. 5ª edição. São Paulo: Ática, 2008.
- OYAMA, Thaís. **A Arte de Entrevistar Bem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2ªedição. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. **Teorias do Jornalismo** 2ªedição. São Paulo: Contexto, 2010.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a Edição Jornalística**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- RAMOS, Mauricélia e ARAÚJO, Simoneide. **Manual de Redação e Estilo da Assessoria de Comunicação da Ufal**. Maceió, Edufal. 2013.
- RESENDE, Geovanna Argenta de Bastos. **Jornalismo literário: uma análise da revista Brasileiros**. 2010. Artigo. Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2010. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/Jornalismo%20literario%20um>>



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

a%20analise%20da%20revista%20Brasileiros.pdf>. Acesso em 02.out.2014.